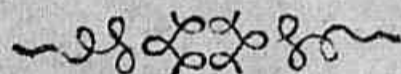


475946C
1975

REVISTA DOS THEATROS

PERIODICO

DEDICADO Á LITTERATURA E ARTE DRAMATICA

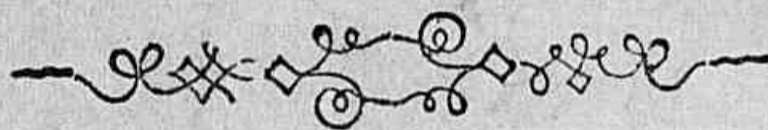


REDACTORES PRINCIPAES

Arthur Azevedo e A. Lopes Cardoso

EDITORES

Lombaerts & Cia



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE LOMBAERTS & Cia

76 Rua d'Assembléa e rua dos Ourives 7

1879

ERNESTO ROSSI

Apezar dos esforços que envidámos, afim de dar aos leitores da *Revista dos Theatros* uma biographia completa de Ernesto Rossi, não nos foi possível obter os dados indispensaveis.

Um distincto amigo, cuja valiosa colaboração está de muito promettida á *Revista*, comprometteu-se comnosco a escrever um esboço biographico ; vendo porém, que se passava o tempo e não apparecia o cumprimento da graciosa promessa, soccorremo-nos, para não ficar este periodico em falta para com os seus assignantes, do fecundo e nunca assás consultado Larousse.

Ernesto Rossi, o assombroso interprete de Shakspeare, veio ao mundo em Livurnia (Toscana) no mesmo anno em que nasceu Salvini, seu digno emulo : 1829.

Seu pae, que fôra official superior nos exercitos de Napoleão I, destinava-o ás carreiras liberaes.

Ernesto Rossi estudava sciencias juridicas na Universidade de Pisa, quando uma noite revelou a sua vocação theatral, depois de uma representação do *Orestes*, de Alfieri, interpretado pelo grande actor italiano Modena.

Foi ás escondidas da familia que Rossi fez a sua aprendisagem, sob a direcção de Modena; depressa tornou-se-lhe o discipulo predilecto e em breve tempo occupou a seu lado o segundo logar na companhia sarda, que o rei Alberto instituiria em Turim, no theatro Carignan, modelado pela Comedia-Franceza.

Em 1848 essa companhia dispersou-se, em consequencia de lhe ter sido retirado o privilegio real.

Rossi formou então por si uma companhia. Tendo esgotado o theatro de Alfieri e de outros tragicos classicos italianos, atreveu-se, e um dos primeiros foi, a interpretar os grandes personagens de Shakspeare.

Ao *Hamlet* e ao *Othelo* reuniram-se o *Cid*, *Tartufo*, os *Salteadores*, de Schiller,

o *Conde d'Egmont*, *Fausto*, *Kean* e *Ruy-Braz*.

Em 1855, Rossi, que tinha apenas 25 annos, foi a Paris em companhia de Ristori. Depois de uma representação de *Francesca de Rimini*, onde sobresaira bastante no papel de Paulo, entrou nas tragedias *Myrrha* e *Maria Stuart*; o seu estrondoso successo n'estas duas peças collocou no segundo plano todos os artistas que o acompanhavam.

Dahi por diante, Rossi não cessou nunca de ser entusiasticamente festejado nos principaes theatros da Europa, e compoz algumas comedias muito interessantes e applaudidas.

Só faltava ao seu talento a consagração de Paris: as representações de *Othelo*, de *Hamlet* e do *Cid* valeram-lh'a em 1866.

As excursões artisticas que emprehen-
deu fóra da Europa, novos florões ajunta-
ram ao esplendido diadema de seu genio.

E nada mais nos é dado accrescentar.

GONÇALVES DIAS

E O CONSERVATORIO

O inspirado cantor dos *Tymbiras* escrevia em 1849 o seguinte sobre o Conservatorio Dramatico Brasileiro :

« Ha theatro dramatico, mas não ha dramas, e, si os ha, não são originaes ; e si o são, não ha quem os represente ; e si os representam, fazem dormir o respeitavel ! E como não ha de ser assim ?

« Faz um auctor um drama, e manda o seu trabalho para o Conservatorio; ahi está para um canto sem que ninguem se lembre delle, e sem que elle se lembre de coisa alguma ! extremamente delicado, pudico como uma donzella, com horror ás immoralidades do seculo, rescendendo cedro e myrrha, segue as regras do Scuderi e as ladainhas das Horas Marianas, e por fim reprova o *Ruy-Blas* por ser immoral que uma rainha namore um lacaios, e permite a representação de farças, obra prima de arte e de estylo, cheia de trocadilhos e de obscenidades de dispersar

um regimento de Cossacos, mas com uma lição de moral obrigada com que os anjos no céu, e na terra os homens de bôa vontade, entoam ao Divino hosannas de puro jubilo.

« Vae o drama para o Conservatorio, como diziamos: — Um dos censores embirra com a linguagem, outro com os caracteres, outro com a acção ou com a moral, outro emfim com um personagem que se lhe afigurou ser a caricatura de um grandalhão; por consequencia raspe-se, risque-se, cancelle-se e emende-se, e em vez de *beijo*, escreva-se *osculo*!

« Si Deus permite que a obra resista a estas differentes mutilações, e si alguma fada lhe abre as portas do theatro, este actor quer mais isto, o director mais aquillo, repiques de sino, rufos de tambores, incendios, terremotos, erupções volcanicas para fazer effeito e aquecer os espectadores. Optimo! O inspector da scena monta-o a seu modo, arranja vistas, phantasia vestuarios, dá lições de pronuncia e declamação, e graças aos es-

forços reunidos de tantas intelligencias, o proprio auctor desconhece a sua obra, o publico a reprova com toda a justiça, e cada um destes censores vae pregando mysteriosamente aos ouvidos particulares: *E que seria si eu não emendasse aquillo!* Patetas! e que mais lhe haviam de fazer!

«E quereis dramas originaes! ora muito obrigado! Não haja pão nem trigo de que se faça hostia, nem vinho para a consagração, nem galhetas para o vinho, nem agua, nem calix, nem estolla, nem padre que officie, nem acolyto que ajude ao santo sacrificio, e fazei-me o favor de ouvir uma missa por alma dos fieis defuntos! Existe, é verdade, a egreja, o cabido, as grandes hierarchias, que é o theatro, a directoria e o conselho dos accionistas; existe o sino do campanario e a corda do badallo, que é o inspector e o seu secretario, o gallo da grimpa, que é o Conservatorio, o throno aceso, que são as loterias, a lampada moribunda, que é o rendimento da casa, os fieis constrictos, que são todos vocês, particulas do respei-

tavel, o órgão com seus canudos, que somos nós os respeitaveis folhetins; mas não ha missa nem predica, e Deus vos leve em conta as vossas boas intenções : *Ite, missa non est.* »

As linhas que ahi ficam transcriptas de um periodico antigo, e que não se acham nas obras posthumas do grande poeta, não têm, felizmente, absoluta applicação á situação actual do theatro fluminense...



JOAO CAETANO EM LISBOA

Do formoso livro *Apontamentos de um folhetinista*, publicado o anno passado pelo Sr Julio Cezar Machado, destacamos a seguinte anedocta, responsabilizando o elegante escriptor portuguez pela authenticidade do caso :

« Quando elle (João Caetano) veio a Lisboa, como que para confirmar a sua reputação pelo applauso dos portuguezes (e é para notar que foi elle o primeiro a emprehender estas visitas, que os nossos artistas têm depois imitado, indo sancionar a sua nomeada ao outro lado do Atlantico, visitas que dão vida á civilização e á arte), acompanhava-o uma artista, que chegou a ter mais tarde no Brasil a reputação de actriz de talento. João Caetano, guardando as boas praxes da prudencia e da discripção, foi morar para uma hospedaria, e aconselhou-a a que residisse n'outra.

Escolheu a actriz o hotel Alliança, que era, nesse tempo, na rua do Alecrim.

João Caetano estabeleceu-se n'um hotel da rua Nova do Carmo.

A actriz era formosa ; apparecia sósinha, ia ás noites para uma frisa, ora em S. Carlos, ora em D. Maria ; garridamente enfeitada, vestida sempre com uma elegancia, que poderia peccar um pouco por certo tom exagerado, que, como diz o outro, dá de mais na vista, mas que a frescura da mocidade e da belleza della auctorisava plenamente. Era um typo egypcio ; physionomia encantadora, olhos e cabellos admiraveis, e a mais bella bocca que no mundo podesse ser beijada.

Namoraram-lh'a.

Era de esperar ; era de receiar, para elle.

E' bom ser prudente, é bom ser discreto, mas em a discripção chegando ao ponto de eliminar de todo um homem, consegue o maior triumpho para a cautela e o maior revez para o cauteloso...

João Caetano fôra cauteloso de mais.

Eliminára-se.

O moço que requestava a actriz, in-

formára-se de quem era a elegante forasteira que todas as noites nos theatros parecia dar pela luz dos seus olhos maior claridade á sala: disseram-lhe que era artista, que viéra com João Caetano dos Santos, que tinha um nome meio bohemio, meio romantico, e que estava só.

O namorar é uma invenção boa; e por maior talento que tenha um homem, ou por mais elevada que seja a sua situação e a sua fortuna, tudo que elle disser sem ser com os olhos, a uma mulher a quem dirija as primeras attensões, póde ser mais claro, mas nunca será mais bem percebido.

Lá se entenderam os dois: elle da platéa, ella da friza; de se olharem passaram a escrever-se; de se escreverem passaram a fallar-se.

Mas, porque nunca a mocidade deixe de ser creança, e ambos elles eram moços, moços no primeiro alvor da vida e da descuidosa alegria, não contentes de se fallarem, nos intervallos de se fallarem, escreviam-se.

Escreviam-se o que? As mil innocentes tonterias do amor. Haviam-se despedido depois da meia noite: mandavam-se de manhan, um ao outro, beijos no papel.

De uma vez escreve elle; vae á janella, passa um gallego, chama o gallego, vem o gallego, dá a carta ao gallego:

— Hotel Alliança, rua do Alecrim; vòa, gallego!

O gallego vòa.

Meia hora depois, volta esse veloz confidente...

Traz uma grande condeça de palha.

— A resposta?

— E' esta.

— E carta?

— *Num ha carta.*

A condeça era enorme.

Levou-a o mancebo aos hombros para o seu quarto conforme pôde, fechou a porta discretamente, desfez o nó do atilho que prendia os fechos, abriu a condeça...

Mysterio!

Vio roupa. Muita roupa branca.

— Que diabo é isto!

Metteu o braço, puxou...

Sahiam ceroulas...

Sahiam camisas...

Sahiam calças brancas...

Sahiam mais camisas, mais calças brancas, mais ceroulas...

Nada de carta !

— Que diabo é isto ! ?

E sacudia camisa por camisa, ceroulas por ceroulas, calças por calças ; e nada de carta, nada de carta, nada de carta...

Mil vezes mysterio !...

Nova epistola ; narrativa succinta da surpresa, e pedido de explicação do enigma. A condeça outra vez ás costas do gallego, e ahi vae nova carta, e vóa outra vez.

Torna a decorrer meia hora.

Torna a vir o gallego.

Traz carta.

Ah! dessa vez traz carta!

A carta diz:

« A minha creada fez uma tolice, que vae perder-me. João Caetano envia para aqui a sua roupa, e é a minha lavadeira que

se incumbe della; o teu gallego viéra ao mesmo tempo que o delle; a creada deu a roupa ao teu, e entregou ao do João Caetano a carta que era para ti. Que hei de fazer? »

Situação.

O moço medita com a pressa que o caso exige...

Senta-se e escreve:

« João Caetano não deve tardar em apparecer ahi. E' vel-o á porta, largar ás palmas, e rir. Elle inquire... Riso. Elle enraivece-se... Palmas. Elle ameaça... Palmas e riso. Queres um camarote para esta noite em S. Carlos (era o beneficio de Gazoniga), só elle poderá alcançal-o. Já o ciúme fez o milagre que o amor não faz, visto ir elle ver-te de manhan, o que nunca tem feito; serviste-te daquelle artificio para o apanhares ahi mais cedo, e castigar pelo susto a sua negligencia; mais palmas e mais riso, que vá buscar o camarote! »

Duas horas depois, o camaroteiro de S. Carlos punha-se a resolver por todas

as maneiras imaginaveis a difficuldade de ter uma friza. Tractava-se de satisfazer o empenho de uma notabilidade artistica. João Caetano dos Santos queria para essa noite, absolutamente, um camarote. »

O leitor fluminense não adivinhará facilmente o nome da mulher de quem se tracta : é Antonina Marquelou.

Quanto ao moço...

A' vista de ter sido contado o caso como o caso foi, não póde ser outro sinão o proprio Sr Julio Cesar Machado.



ESPECTACULOS

ERNESTO ROSSI

O que poderemos dizer deste semi-deus da arte?

Por mais vivas que sejam as côres de nossa palheta, hão de forçosamente empallidecer diante de tal commettimento.

Tolhe-nos a incompetencia.

Tracta-se de um homem de genio, de um artista acclamado pelos povos mais illustres e julgado pelos homens superiores do nosso tempo.

Victor Hugo, a mais pujante, a mais fecunda organização litteraria deste seculo, rendeu-lhe sincero preito. Bastava-lhe a consagração do grande poeta para immortalisal-o.

Admiramol-o no *Othelo*; dous dias depois desaparece o mouro de Veneza e surge *Edmund Kean*, assombroso contraste; á covardia tyrannica de *Nero* succede o desespero do *Rei Lear*; pasmamos á resurreição de *Luiz XI*; o rei devoto e máu trans-

forma-se em *Romeu* suspiroso e apaixonado ; trememos de horror á vista de *Macbeth* e logo depois choramos com Guilherme, dos *Dous sargentos*, e Conrado, da *Morte civil* ; odiamos *Ricardo III*, depois de nos extasiarmos com o character e o talento de *Sullivan* e nos entristecermos com as desgraças de *Colombo* ; e sentimentos tão oppostos, e tão descontraídas commoções, nos são causados pelo mesmo homem, pelo mesmo Ernesto Rossi, que se transfigura todas as noites, que nos transporta de seculo a seculo, de sociedade a sociedade, do presente ao passado, do passado ao presente, e sempre outro ! sempre outro !

Não ! Não temos uma palavra de louvor para Ernesto Rossi : tentar louval-o é como si pretendêramos illuminar o sol.

AS RELIQUIAS DE S. MARCOS

Esta peça parece-nos franceza ; ignoramos o nome do auctor, pois que os

annuncios o não disseram. O dedo de Aniceto Bourgeois parece ter passado por alli; e dizer peça de Bourgeois, é dizer peça muito do paladar das plateas do largo do Rocio.

Um amigo, que assistia tambem á representação, assegurou-nos que já vira este drama com a denominação de *Ultimo dia de Veneza*. Acreditamos: o Sr Martins apraz-se em chrismar as peças; assim o *Medico das creanças* foi transformado em *Filha do crime*. A razão ignoramol-a, pois a peça conseguiu, com aquelle mesmo titulo, grande nomeada.

Contar o enredo de uma peça do genero das *Reliquias de S. Marcos* é um trabalho acima de nossas forças e de nossa paciencia; basta digamos ao leitor que o assumpto são os amores de uma veneziana e de um francez, perseguido e condemnado pelo Conselho dos Tres. No fim da peça, o crime é castigado e a virtude premiada, com applauso das galerias e do Conservatorio.

A distribuição da peça foi muito mal

feita. O principal papel foi confiado ao Sr Costa, ao passo que Amoedo encarregou-se de um personagem quasi mudo. Martinho fez de cabo de comparsas e Arêas estava deslocado. Medeiros e Helena Cavalier disseram bem seus papeis, si bem que as ingenuas não sejam a especialidade desta intelligente actriz. Gertrudes, inquestionavelmente actriz de merito, tomou estes ultimos tempos uma deliberação heroica: a de não estudar os seus papeis. Até certo ponto damos-lhe razão, pois em verdade deve ser uma *gaita* decorar um papelão para represental-o duas ou tres vezes.

A encenação e os vestuarios são decentes; mas, no caso do Sr Martins, prescindíramos do quadro final. O exercito francez pintado no panno do fundo é de uma infelicidade! Destes recursos só se lança mão quando não ha na terra grande pessoal de comparsaria. Já vimos na roça uma representação do *Vinte e nove* pelo mesmo systema.

O publico tem sido injusto para com a

empresza do S. Pedro : as *Reliquias* e outros dramas que alli têm sido exhibidos, compadecem-se totalmente com o gosto predominante da platéa.

A FAMILIA DANICHEFF

Este dramalhão é frio e grande como a patria do auctor, o russo Pedro Newski. O Sr Furtado Coelho quiz nos impingir esta peça como filha tambem de Alexandre Dumas: é uma calumnia. O auctor do *Demi-monde* é completamente estranho á hybrida feitura desse *pastiche*; apenas patrocinou o auctor, e fel-o entrar no Odéon.

Mal empregados o tempo e o dinheiro que a empresza do Gymnasio gastou para montar esta *Familia*; porque, em verdade, a encenação é optima, e o desempenho revelou muito cuidado nos ensaios.

Sentimos não poder dizer o mesmo da traducção, que está digna do original. Quizéramos que o traductor nos dissesse o que é *massacre*, *compartilhar*, *fazer partida*, *fazer musica*, *parvenus*, etc. Tradu-

zir *timbre* por *timbre*, em vez de carimbo, é não fazer *timbre* em traduzir bem. Dizer *uma pouca de musica* parece-nos também *uma muita* de asneira.

Não nos cansaremos de dizer á justa ao leitor o que é a *Familia Danicheff*, mesmo porque, no dia em que sahir á luz este numero da *Revista*, a peça talvez já esteja para ser retirada de scena.

Eugenio de Magalhães representou o seu papel com muita propriedade de dicção e gesticulação; Furtado Coelho foi correcto e elegante; Galvão teve momentos felizes.

Lucinda foi realmente uma princeza, modelo de graça, de distincção e de sympathy. *Toilettes chics*. Apollonia tem na *Familia Danicheff* um dos seus mais brilhantes papeis: desempenhou-o com o seu habitual talento de interpretação.

Simões não nos satisfez no papel do velho avarento; não deu relevo bastante ao typo.

Os mais papeis,—verbos de encher.

A LOTERIA DO DIABO

Nada perdeu esta magica, eternisada na Phenix, na actual *reprise*. Desnecessario é dizer que a encenação é luxuosa e as tramoiias e machinismos promptos e bem preparados. Na Phenix não póde deixar de ser assim.

Vasques é um despota! Já de muito rir ha quem se retire doente do theatro.

O papel de principe, que estava confiado a Rosa Villiot, que se acha na Europa, foi distribuido agora a Amelia de Governatis. Nada perdeu com a troca. Nada perdeu nem ganhou.

Todo o Rio de Janeiro tem ido, e continuará a ir ao theatrinho do Heller.

A CASTRO NA ROÇA

E' o titulo de uma parodia da *Nova Castro*, que subio á scena á semana passada no Casino.

Da noite para o dia appareceu alli uma

empreza, que se não fez preceder por grandes annuncios de quarta pagina.

Essa louvavel modestia desarma toda a severidade dos criticos e alcança sem duvida a sympathia do publico.

A *Castro na roça* é escripta, no estylo chulo e despretencioso dos trabalhos desse genero, por auctor anonymo. Dizem-nos que é o Sr Santos Leal. Porque se occulta? No estado em que se acha o theatro no Rio de Janeiro, não se deve envergonhar ninguém das suas peças, sejam estas quaes forem. Mais desairoso é assignar a traducção da *Familia Danicheff*, que assignar esta comedia, que tem bastante graça.

Si bem que a parodia viesse um tanto tarde, acreditamos que será ouvida por muita gente.

Extremaram-se no desempenho Lisbôa e Vicencia de Moura.

Das comedias *Nhô-nhô* e *Fagundes* occupar-nos-emos no proximo numero.



BIBLIOGRAPHIA

O commendador Gil Vaz honrou-nos com a offerta de um exemplar da *Viagem á roda da Parvonia*, relatorio em 4 actos e 6 quadros, ruidosamente pateado no theatro Gymnasio de Lisbôa, em 17 de janeiro deste anno.

Como composição dramatica, fallecem a esta revista certas qualidades inherentes a uma peça de theatro, ou, antes, e para nos servirmos da declaração de um dos auctores, faltam-lhe a estructura scenica e as condições indispensaveis n'uma producção de tal natureza.

Como livro, como *verve*, como *espírito* e finissima graça, porém, basta dizer que é escripto por Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo, dous dos mais poderosos espiritos da actual geração de rapazes de Portugal, e engraçadamente annotado por crescido numero de escriptores grandemente reputados, taes como Ramalho Ortigão, Anthero de Quental, Gervasio Lobato, João de Deus, J. Cesar

Machado, Magalhães Lima, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, etc.

A *Viagem á roda da Parvonia* tem uma tal abundancia de bons ditos, que, ao cabo de dez paginas, o leitor sente necessidade de umas rubricas, que o dispensem de procurar por si mesmo onde e em que é que está a graça. Seria, pois, de toda a conveniencia que os auctores quando dizem—*Sae Fulano, Entra Beltrano*, etc., —dissessem tambem— *Aqui o leitor ri ou o leitor sorri*, simplesmente, conforme o caso o exija.

Parece-nos outrossim que este relatorio, em vez de *Viagem á roda da Parvonia*, devia ter por titulo — *Viagem á roda da Pilheria*.

Quanto aos commentarios :

A conhecida phrase — *Está aberta a praça da Figueira*, mereceu de Raimalho Ortigão um paradoxo engraçadissimo : — Dizer que está aberta a praça da Figueira, referindo-se ao parlamento, é infamar a praça da Figueira, é calumniar os mercados.

O Sr Sergio de Castro, escriptor novo, de talento, esse, foi menos feliz: « estando Bordallo Pinheiro no Brasil a explorar exactamente o que lá não ha talvez com abundancia, — o espirito, etc. »

Pedimos permissão para discordar: nós não somos de todo parvos e a prova disto é que ainda ninguem se lembrou de chamar ao Brasil Parvonia.

Em resumo: ha muito que os prelos lisbonenses não distribuem um livro assim tão curiosamente chistoso, tão espi-rituosamente annotado.

Thomaz Filho, uma das mais potentes individualidades da geração nova e a phantasia mais brilhante dos rapazes de hoje, acaba de publicar um protesto, em nome da eschola realista, contra o malferido *Cancioneiro alegre*, enorme pirataria que, — e isto consola! — não passou sem o indispensavel e truculento correctivo.

Neste folheto de pouquissimas paginas, o moço escriptor deixa perfeitamente

bem demonstrado que o *Cancioneiro alegre* é um livro futil, sem critica, absolutamente sem critica, escripto—não por uma organização litteraria de primeira ordem, como pretende a Exma Sra D. Maria Amalia Vaz de Carvalho,—mas por uma desorganização litteraria, um coração de si máu, uma cabeça cheia de preconceitos e de bagatellas e um estomago em jejum.

Dos que até hoje têm vindo a publico —e já não são poucos,—quer contra o *Cancioneiro*, quer contra a *Bibliographia Portugueza*; — dos que até hoje têm se levantado contra Castello Branco—Gaspar da Silva, Arthur Barreiros, *Gazeta de Noticias*, Ferreira de Menezes, Carlos Laet, G. Bellegarde, *Revista Illustrada*, *Mequetrefe* e *Revista dos Theatros*—quer nos parecer que foi Thomaz Filho quem andou melhor e mais acertadamente.

Honra !

Enviamos, pois, muito saudar a Thomaz e pedimos-lhe licença para transcrever os seguintes periodos, que entendem mais directamente com o nosso proposito :

« Creio que não é difficil concluir da leitura delle (*Cancioneiro*) que é um livro futil ; é um livro em que V. S., recommendando-se, apresenta como o maior facto do seu passado litterario haver comido ostras na *Agua de Ouro*, fazendo còro com a patuléa sentimental.

« Não é isso uma recommendação quando fallamos de nós n'um livro de critica, quando fallamos do nosso passado ; seja qual fôr o nosso tom, procuramos sempre um facto que revele qualquer outra coisa, a não ser mostrar desejos de comer ostras. Quem tem merito, quem o conquistou consagrando as suas horas ao estudo e ao trabalho, quem tem o cerebro forte não descae nestas tolices. E quer saber ? a bôa ordem que V. S. não tem, o aceio que V. S. não tem, o talento que V. S. não tem, a moralidade que V. S. não tem, são attributos para que aquelles que os possuirem em pequeno gráu se julguem superiores a V. S. e á critica de V. S.»



MOSAICO

Madame de Girardin dizia da Alboni :
E' um elephante que engolio um rouxinol.

Quando madame Medori estreou na
Opera, de Paris, tinha uma reputação que
não merecia. Alguem lembrou-se de di-
zer: «E' um rouxinol que engolio um ele-
phante. Infelizmente o elephante não lhe
passou da garganta. »

No camarim da espirituosa actriz H.,
do S. Pedro de Alcantara :

— Minha senhora, compadeça-se de
mim ; cure esta chaga, que tenho no co-
ração...

— O senhor enganou-se ; eu não sou
alveitar...

Edmundo About acabava de ler a um
alto personagem uma peça destinada ao
Theatro Francez.

— Mas, disse o alto personagem, na

ocasião de pronunciar o seu juízo, onde está a moral de tudo isso? Não a vejo!

— Ah! a moral?

— Sim, senhor, a moral.

— Francamente: a minha peça destrahio-o?

— Sem duvida....

— Pois bem; a moral é essa...

Aristophanes, em suas comedias, parodiou mais de um poeta tragico, e principalmente Euripides. Muitas vezes a parodia vinha a ponto: nada mais comico do que a passagem (para só citar uma) em que certo deputado, cansado de uma narração precipitada e longa, conclue bruscamente, tomando largo folego:

— Façam-me calar!

Um autor, explicando ao Heller o assumpto de uma peça, que desejava fazer representar na Phenix, dizia:

— A scena passa-se na Persia; si o senhor quizer montar a peça, é preciso transportar-se a este paiz, para reproduzir...

— Mas, diga-me uma coisa; a peça dará para as despesas de viagem?

Na traducção ingleza do *Avarento*, de Molière, Harpagon, depois de ter recommendado que escrevessem em letras de ouro esta sentença: « E' preciso comer para viver e não viver para comer », arrepende-se, porque a inscripção custaria muito dinheiro, e diz que a sentença será do mesmo modo lisivel si a escreverem com tinta ordinaria.

E' bem achada!

A uma actriz parisiense dizia de máo humor o seu amante :

— O teu porteiro é insuportavel! E' preciso que o despeças! Ja o devias ter feito!

— Tenho pensado nisso... Mas... o que
? Elle é meu pae...

Sophocles dizia que tres versos seus custaram-lhe outros tantos dias de trabalho.

— Tres dias! exclamou um poeta mediocre. Durante este tempo eu faria cem versos!

— Não duvido, replicou Sophocles; mas só durariam tres dias.

Não é de hoje que os cantores fazem-se pagar bem. Em 1770, a Gabrielli pedia cinco mil ducados de honorarios á imperatiz Catharina II, que lhe respondeu:

— Tanto não pago a nenhum dos meus feld-marchaes.

— Pois bem; obrigue-os vossa magestade a cantar.

Aconselharam a Garrick que se fizesse eleger deputado.

— Prefiro, disse elle, representar um grande papel no theatro a representar o de um tolo no parlamento.

Sahiam dous espectadores do theatro
Gymnasio. Um delles tapava o rosto com
o lenço.

— Choraste? perguntou o outro.

— Não; suei...



A CRITICA E OS ACTORES

Entre as muitas coisas de que necessita o nosso theatro para sair do enfesamento que o esterelisa e o torna incapaz de prestar á litteratura e á civilisação o menor dos subsidios que o progresso da arte tem direito a exigir delle, a critica é, com certeza, uma das que mais urge satisfazer ; pois que é a critica a base principal de todo o ensinamento, o cadinho onde se depura o ouro explorado nas locubrções do espirito.

Sem receio de que haja quem, em consciencia, me argua de injusto, atrevo-me a affirmar que não ha critica entre nós.

O que tenho lido em periodicos e livros, o que tenho ouvido em palestras e conferencias está longe, muito longe, de merecer esse nome.

E' certo que mais de uma penna illustrada tem por vezes procurado tornar-se escalpello para desseccar o corpo verminado da nossa arte dramatica ; mas a lou-

vavel intenção que as animou a traçar os primeiros golpes esmoreceu ante a insultuosa grita das mediocridades despeitadas, que nos pretendem impôr como ouro de lei o mariado latão de meritos só applaudidos pela *claque* de amigos ou parasitas que as rodêa.

Da deserção de alguns, da tolerancia de muitos e da indifferença de quasi todos os nossos escriptores tem resultado essa enfermidade em que vemos arrastar-se tropego e estonteado o theatro.

O Conservatorio limita as suas funcções a licenciar ou a prohibir as peças que á sua censura são submettidas. Nem uma eschola para educação de artistas, nem uma licção pela imprensa que, ao menos, os advirta dos mais intoleraveis de seus disparates !

Dahi o desnorteamento da arte, a petulancia das mediocridades, que se presumem artistas, favoneadas por officiosos applausos, e finalmente a rebeldia desafo-

rada com que os nossos actores investem contra as mais doces e sensatas admoestações que se lhes façam.

Rossi, Salvini, Ristori, portentosas vocações dramaticas, que alliam a uma acurada educação artistica grande cultura litteraria, quando têm de interpretar algum personagem de peça com que enriqueçam os seus esplendidos repertorios, levam quatro, oito, dez annos a estudal-os á luz da historia e da physiologia, e ainda assim, quando a critica os adverte, si não a acceitam, discutem-a, mas não a insultam.

Os nossos actores, muitos delles de duvidosissima vocação e em geral sem cultura intellectual ou artistica, tomam de um papel, e á sua simples leitura julgam-se perfeitamente identificados com o personagem, e após um trabalho, que não vae além de um exercicio de memoria, proclamam-se infalliveis e preparam-se para receber as observações da critica com o bacamarte do insulto engatilhado.

E' assim que ha poucos dias uma das nossas celebridades artisticas, que na interpretação do *Kean* apenas conseguiu dar-nos a medida da sua enorme audacia, abrindo o primeiro numero da *Revista dos Theatros*, fez os maiores elogios a um dos nossos collaboradores, cujo nome lhe deparou a pagina que primeiro abriu, passando logo a dispensar-lhe o titulo de—besta—, desde que vio que no respectivo artigo o nosso collega teve o atrevimento de o advertir de uma syllabada.

E' assim que vemos os nossos actores empresarios vituperarem-se com a maior semcerimonia, prodigalizando-se nos seus annuncios os mais encomiasticos adjectivos.

As visitas dos grandes artistas, a presença dos sublimes modelos da arte não os convence da sua mediocridade!

Na apoplexia do seu descommunal orgulho, quando não lhes dá para, á similitude da ran da fabula, tentar hombreal-os

com imitações que só attingem ao gráu de caricaturas, desdenham-as como a raposa as uvas, que não encontrou ao alcance do focinho.

Miseros pigmeus, a quem uma estulta vaidade narcotisa e faz sonharem-se gigantes!

Sentissem elles mais amor da arte que amor proprio; houvessem mais consciencia que orgulho, e muitos deixariam de ser simples decoradores de papeis para se tornarem bons actores.

Ha muita gente que acha ridiculas as pessoas, que, depois de haverem viajado pelos paizes onde o theatro tem-se elevado á altura de uma verdadeira eschola, dizem que não podem supportar uma representação theatral entre nós.

Eu acho que lhes sobra rasão para assim fallarem.

A desagradabilissima impressão que lhes causa, então, o trabalho dos nossos actores, hão de forçosamente experimen-

tal-a todos aquelles que voltarem a frequentar os nossos theatros, depois de haverem admirado o Rossi e a sua companhia.

Perante tão manifesto contraste é que não ha negar a nullidade do nosso pessoal dramatico, e o muito que a critica tem de fazer para os ensinar.

A. LOPES CARDOSO.

APANHADOS

Ernesto Rossi possue uma bellissima voz de barytono. Ouvimol-o cantar ha dias uma aria do *Ballo in maschera*. Na Italia cantou elle em publico, para um beneficio, uma opera inteira: *Nabucodonosor*.

E' grande o numero das peças parisienses em que o adjectivo *petit*, *petite*, serve de qualificativo a um nome qualquer. Ha tempos houve *Petites marionnettes*, *Petit dragon*, *Petit courrier*, *Petites Danaïdes*, *Petite sœur*, *Petit-fils*, *Petit chaperon rouge*, *Petit Poucet*, *Petit matelot*, *Petits violons du roi*, *Petit bonhomme vit encore*, *Petite ville*, *Petites lâchetés*, *Petite reine*, *Petit Faust*, *Petit voyage*, *Petite marquise*, *Petite mariée*, *Petit duc*, *Petit hôtel*, e recentemente *Petit Ludovic*, *Petite mademoiselle* e *Petite mère*.

Ernesto Rossi, além de ser o grande actor que é—no tragico, no dramatico, no comico — ; além de ser o applaudido auctor de muitas comedias, compõe musica inspirada e facil, e executa-a com muita habilidade ao piano. Tem uma bonita collecção de walsas.

O outro dia, ou antes—a outra noite circulava na sala do Gymnasio a seguinte quadra, que attribuiam ao espirituoso F. J. :

Quem traduz *timbre* por *timbre*,
Justos céus! causa-me horror!
Faz timbre em não fazer timbre
Em ser um bom traductor.

Appliquem.

Ernesto Rossi, *cela va sans dire*, é tambem um homem de muito espirito.

Ultimamente dizia-lhe na Allemanha a princeza X :

— Que mal me fez o seu *Othelo*, meu amigo! Que pesadellos me assaltaram durante toda a noite! De vez em quando se me afigurava que meu marido chegava-se ao pé de mim, para estrangular-me.

— Descance, princeza, respondeu Rossi; isso só acontece ás esposas innocentes...

Entre nós dous folhetinistas têm dito mal de Ernesto Rossi: o Caipira, que confessou não tel-o visto, e o Dr Lopes Trovão, que só vae a theatro quando tem de fazer alguma conferencia.

A Familia Danicheff, o dramalhão do Gymnasio, quando subio pela primeira vez á scena em Paris, no Odéon; foi, a pedido do auctor, ensaiado a capricho por Ernesto Rossi, que se achava naquella cidade. Dahi, talvez, o successo que alcançou.

O outro dia achava-se um collega nosso á porta de certo theatro, quando vio entrar um individuo, que passou por diante do porteiro sem pestanejar siquer.

— O seu bilhete? perguntou o porteiro, tomando-o pela aba do casaco.

O individuo encarou-o, como para fazer-se reconhecer, e, depois de alguns segundos, bradou com voz de Stentor:

— Eu sou policia secreta!

E passou.



NOTICIAS THEATRAES

CÔRTE

Esteve magnifica a festa dada na Phoenix Dramatica em honra de Ernesto Rossi. Nada faltou.

Para maior brilhantismo, a receita da noite reverteu em beneficio do Asylo dos Meninos Desvalidos. O eminente tragico mandou dar 100\$ réis pelo camarote que occupou.

Representou-se *A noite no castello*, esse mimo musical do nosso Mesquita, que foi muito applaudido e chamado á scena. O Vasques, além de recitar uns versos analogos á solemnidade, fez a *Historia de um marinheiro* e a *Viagem á volta do mundo a pé*.

Achamos triste a lembrança de fecharem o espectaculo com o *Sr Mello Dias*. O repertorio da Phoenix é tão vasto, que não havia necessidade de lançar mão de uma peça imitada pelo *Sr Augusto* de

Castro, um dos dous unicos homens da nossa imprensa que têm magoado o grande artista, como si este não estivesse acima da nossa critica.

Acha-se de volta a companhia dramatica, que funcionava em S. Paulo; sob a direcção do actor Dias Braga.

Chegou de Lisboa a actriz Herminia, muito applaudida no theatro da Trindade, daquella cidade, onde o seu ultimo successo foi a parte de Rosalina, nos *Sinos de Corneville*.

Fará a sua estréa no papel de Boulotte, do *Barba Azul*, que vae entrar em ensaios na rua da Ajuda. A traducção da peça é do Sr Francisco Palha.

A distribuição dos mais papeis está feita pelo seguinte modo: Barba Azul, Vasques; Bobeche, Guilherme; o alchimista, Pinto; Saphir, Amelia; a princeza, Delmary, e a rainha, Mathilde.

Acha-se entre nós o Sr Annibal Falcão, distinctissimo estudante de direito da faculdade do Recife, e moço de lettras muito aproveitavel.

O Sr Falcão faz parte da redacção do *Diabo a quatro*, o mais espirituoso periodico illustrado da nossa terra, e tem publicado um bonito drama *O doutor Albero*, que as auctoridades policiaes não consentiram que fosse levado á scena naquella cidade.

O Sr Furtado Coelho vae montar o drama *Ponte de interrogação*, do nosso amigo Affonso Celso Junior. O auctor, segundo nos disse, vae mudar o titulo desta peça, que lhe valeu em S. Paulo uma ovação.

Ao *Nhô-nhô*, que hontem subio pela primeira vez á scena no S. Luiz, succederá *A corda na garganta*. Ensaia-se tambem naquelle theatro a comedia *Romeu e*

Julieta, de nosso collega A. Lopes Cardoso.

O *Voto livre* é uma espirituosa comedia que o Sr França Junior tem na pasta. O auctor do *Direito por linhas tortas* só espera occasião favoravel para offerel-a alguma empreza.

Chegou ante-hontem da Europa o conhecido barytono Storti, que vem esperar pela companhia Ferrari, para a qual se acha contractado.

Ensaia-se no S. Pedro o drana original italiano *Jesus Christo*, traduzido e alterado por Arthur Azevedo. O Sr Martins, dizem-nos, vae caprichar para que esta peça tenha uma encenação digna. A musica é composta pelo festejado *virtuose* Cardoso de Menezes. Do papel de Christo incumbio-se Medeiros; Pilatos, Amoedo.

O de Magdalena está confiado á discreta e espirituosa actriz Helena Cavalier.

Até meizados deste mez achavam-se desempregados os seguintes actores dos nossos theatros : Silva Pereira, Gusmão, Martinho, Graça, Domingos Braga, Leopoldo, Maia, Colás e Phebo ; actrizes : Jesuina, Luvini, Maria Luiza, Anna Costa, Balbina, Vicencia de Moura, Julia Gaubert, Idalina, Branca e Dólores.

Reunidos, davam uma esplendida companhia. Porque não tentam ?

PROVINCIAS

No theatro da Paz, no Pará, têm havido conflictos entre actores e espectadores. Questões de nacionalidade.

O actor Vicente de Oliveira, empresario daquelle theatro, requereu á Assembléa

da Bahia uma subvenção de 5:000\$000 para os tres mezes que pretende alli trabalhar no corrente anno.

Tem sido muito festejada em Pernambuco a companhia portugueza que alli trabalha. O actor Brasão causou enthusiasmo no *Kean*. Que não caia em vir fazel-o no Rio de Janeiro, si não quer que o atirem á valla commum em que lançaram o Sr Furtado Coelho.

O *Guarany* acaba de ser cantado na Bahia. Indescriptivel enthusiasmo !

A famosa opera brasileira será finalmente cantada este anno em Lisboa.

Já estão tractando do scenario, que deve ser todo novo.

Continúa a dar representações em S. Paulo a companhia de que fazem parte Guilherme da Silveira e Ismenia.

EXTRANGEIRO

Realisou-se no theatro municipal de Santiago, no Chile, um brilhante concerto em beneficio das viúvas e orphãos dos heróes da *Esmeralda*, e, segundo *El Ferrocarril*; de Santiago, da ultima data, foi esplendido o resultado obtido.

As senhoras de Santiago deram joias de ouro para serem transformadas na moldura de um retrato do bravo heróe de Iquique, Arthur Prat, retrato que ia ser offerecido á sua viúva.

Está em scena no Odéon, de Paris, um drama biblico em verso *A Moabita*. Paulo Déroulède (o auctor) tracta, sob uma fórmula dramatica e pittoresca, de uma das questões de mais actualidade: a questão religiosa.

A maioria dos litteratos portuguezes, a convite do ulceroso Sr Camillo Castello-Branco, pretende apresentar ao congresso

litterario internacional, que proximamente se ha de realisar em Lisboa, uma proposta que tenda á realisação de um tractado de propriedade litteraria entre o Brasil e Portugal.

Diz o *Evénement* que Carlota Patti, cantora conhecida no Rio de Janeiro, irman da Patti-Caux-Nicolini, vae casar com um violoncellista, o Sr de Munck.

Foi completamente destruido por um incendio o theatro Urania, situado na praça de Leipzig, em Berlim.

Em testemunho da satisfacção que lhe causou a interpretação de *Nossa Senhora de Paris*, Victor Hugo offereceu a diversos artistas do theatro das Nações exemplares da bella edição illustrada do seu famoso romance.

O theatro do Château-d'Eau vae reabrir com um grande drama historico : *O martyrio de Thomaz Becket* ou *A questão clerical no seculo XII*. Este assumpto não foi ainda explorado em theatro.

Com o titulo *Venecia* está se representando em Londres a opereta de Offenbach *Le pont des soupirs*.

O *Signal* de Lipsia annuncia que no theatro de Weimar estão ensaiando uma opera com o titulo *Lindoro*, musica da filha do celebre Viardot.

O imperador do Japão mostrou desejos de ter, para o anno proximo, opera italiana, para o que já fez entrega ao seu ministro da agricultura, da quantia de dous milhões de francos de seu bolso particular.

Em Turim estão construindo um outro theatro.

Ricardo Wagner concluiu a sua opera *Parsifal*.

Será executada em 1881 no grande theatro de Bayreuth, na Baviera.

Continua a agradar bastante no Prata a companhia Ferrari.

Todos os jornaes do mundo fallam de Adelina Patti. O nome da famosa *diva* está envolvido em nada menos de tres processos.


Dous emprezarios americanos acabam de contractar em Paris a sala do Chatelet para ahi darem representações da *Cabana do pae Thomaz*, com uma companhia de quarenta negros e negras, genuinos, que cantam, dansam e tocam instrumentos de sua terra.

Chivot e Doru escreveram mais uma peça : *Les noces d'Olivette*.

Em Londres, de todo o repertorio da Comedie-Française, o que mais tem agradado, ou antes—o que só tem agradado, são as peças de Molière.

A comedia de costumes e a tragedia são friamente recebidas no Gaiety Theatre.

Catulle Mendes escreveu um libretto, *O cid campeador*, que vae ser posto em musica por Gevaert.



NHO-NHO

COMEDIA EM TRES ACTOS DE EMILIO DE NAJAC
E ALFREDO HENNEQUIN

Nhò-nhò é um rapagão de vinte e dous annos, Gastão de Aigreville, a quem os paes conservaram este tractamento, que revolta a sua dignidade de maior.

Gastão cresceu no algodão e na flabella, ao abrigo (pelo menos assim julgam os paes) de todas as seducções da juventude.

Tiveram o cuidado de o impedir que estudasse para se não fatigar, o que o transformou n'uma verdadeira toupeira, segundo a pittoresca expressão do seu explicador de direito, Pétillon.

Entrementes, chega á casa do barão de Aigreville um primo provinciano, Kernanigous, que, durante os doze mezes do anno, entrega-se de corpo e alma a todas as variedades da agricultura e vem—uma vez por trimestre—pintar a manta em Paris, ás occultas da esposa, a encantadora Diana.

Kernanigous não acredita absolutamente na supposta innocencia de Nhô-nhô; mas, como não quer confiar o futuro de sua pupilla Mathilde a um calouro, faz vêr aos paes que não consentirá nesse casamento, emquanto não ficar provado que Gastão percorreu as tres phases indispensaveis para a gente ser marido: a creada, a *cocotte* e a mulher casada.

No momento em que principia a peça, Nhô-nhô já está longe da creada; na sobreloja, que o barão lhe mobiliou para que estude mais á vontade, Gastão termina a cultura de uma *cocotte* e está a ponto de passar pela ultima prova, caindo nos braços da primeira mulher casada, que lh'os quizer abrir.

Apparece esta na pessoa da propria esposa de Kernanigous, que, sabendo que o marido protege uma tal Aurelia, resolve vingar-se do perfido e acceita a entrevista, que Nhô-nhô lhe marcára para os fundos do theatro da Opera.

Antes de lá chegar, assistamos á explicação de direito do professor Pétillon.

Este Pétillon é um typo divertidissimo e copiado do natural. Pouco se lhe dá que os seus explicandos estudem, com tanto que o vejam com bons olhos, a elle, que é incapaz de interromper as suas mutuas expansões para chamal-os ao Codigo Civil.

Gastão e Arthur, seu companheiro, abusam desta condescendencia. Emquanto Pétillon folheia as paginas recalcitrantes da lei, contam um ao outro as suas rapaziadas; o explicador a principio afasta-se, fingindo não perceber, mas afinal mette o bedelho na conversa e ri de sucia com os rapazes.

Quando Aurelia e Rosita batem á porta, retira-se discretamente para não perturbar a dansa phrenetica, que succede á explicação.

Nisto entra o barão, mas não sem que as raparigas tenham tido tempo de se esconder, uma no quarto de Nhô-nhô, a outra n'um quarto escuro.

Si o barão não as vio, pelo menos ouviu a musica e pede explicações da barulhada do piano, incompativel com a licção de direito.

Ahi Petillon vale-se da sua imaginação e inventa que pelo seu methodo (mnemotechnica) applica ao piano o estudo das leis, o que prova cantarolando alguns artigos do Codigo no tom de modinhas populares. A situação, porém, não ficou esclarecida sinão para embrulhar-se inda mais.

O *qui-pro-quo* continúa pela peça adiante ; as portas abrem-se e fecham-se com a sciencia, da qual Hennequin já havia dado bastantes provas nos *Dominós côr de rosa* ¹ e no *Processo Veauradieux*. ²

Ora é Madame de Kernanigous, que se esconde de um lado, ora é Aurelia, que se esconde do outro ; Pétillon aça-se cara a cara com esta, que é simplesmente—sua mulher ; finalmente uma successão de entradas e sahidas, que fazem rir ás bandeiras despregadas.

Entretanto o barão vem no conhecimento de tudo ; quer dirigir ao filho uma

¹ Traducção de Eduardo Garrido.

² *A primeira demanda*. Traducção de Ferreira de Araujo.

severa reprehensão, mas este desarma-o lembrando-lhe o seu tempo.

Tudo acaba pelo melhor : Kernanigous, convencido de que todas essas provas tiraram o pello ao rapaz, consente no casamento de Mathilde, e Pétillon esfrega as mãos de contente, só com a idéa de que o máu procedimento de sua mulher, dispensa-o de lhe dar a pensão de mil e duzentos francos, que era para elle um pesadello.

E' uma comedia engraçadissima, alegre, viva, com muitas scenas originaes e de grande sabor comico.

E. N.



POESIA

OTHELO A' CAIPIRA

São atrevidos os donzeis da côrte:
Em façanhas de amor não ha contel os...
E bem sabes, amor, que não és forte...
E bem sabes, amor, que eu tenho zelos!

Assaltam-me românticos desejos
De embrenhar-me cômigo em negros bosques;
Gosar o privilegio de teus beijos,
Longe dos bondes, longe dos kiosques.

Mas ha de ser eterno o meu desgosto!
Foragidos embora, com certeza
Devo, devia, deveria—aposto!
Ter ciumes da propria natureza!

A. A.

VELHO DEUS

FRAGMENTO

A MEU TIO A. EUSEBIO DA FONTOURA

Sumiu-se a noite, a negra taciturna,
 Illuminou-se o ar;
Lá vem o sol como um leão da farna,
Descrevendo a parabola diurna
 Aos rithmos do mar.

E's o mesmo das éras triumphantes,
Quando entravas nas furnas, que eram casas,
E zurzias o dorso dos gigantes
Com raios flammejantes,
Como stylletes de cristaes em brasas ;

Quando á tarde pairavas pelos montes,
Rubro e sangrento como vens aos tropic's,
Espadanando luz nos horisontes
E bebendo nas fontes
Tintas de sangue dos anões cyclopicos.

Nós, sim, não somos d'essa raça inteira
Que, n'um templo mais vasto, no infinito,
Sagrava-te, aos clarões de uma fogueira,
A divindade unica e primeira,
O Jehovah do rito ;

Filhos bastardos de titans immensos,
Fizemo-nos tão grandes, tão atheus,
Que mal ascende o fumo dos incensos,
Julgamo-nos suspensos
Além dos mundos tacteando Deus.

Ha não sei quantos seculos agora
Que fecharam-te a porta as cathedraes ;
Quem quizer adorar a tua aurora
Precisa vir cá fóra,
Que de ti nem se falla nos missaes.

E até hoje os teus raios aos milhares,
Como guerreiros mudos,
Caem contra esses templos seculares
E saltam pelos ares
Como laminas d'oiro contra escudos.

Podesses penetrar naquelles muros
Como um anjo da guarda,
Batendo a revoada dos auguros
Como fazem-se em fojos mais escuros
A tiros de espingarda !...

Elles lá pairam féros, esfaimados,
Junto ao cadaver que cahiu no horto,
Retalhando virtudes e peccados,
Como um bando de corvos agachados
Sobre um cavallo morto.

E si é certo que partem ao mendigo
Inda o pão de Jesus,
Tambem deviam commungar comtigo,
Que há não sei quantos annos, velho amigo,
Lhe multiplicas luz.

Já vi surgires ao romper do dia
Batendo n'uma porta,
Que a lufada da noite intensa e fria
Perseguira bramindo, e alli jazia
Uma criança morta.

Sempre tens um pedaço do teu manto,
Um farrapo de luz para a miseria !
E eu nunca vi a purpura de um santo
Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria !

FONTOURA XAVIER.



EXPEDIENTE

A redacção da *Revista dos theatros* agradece cordialmente á imprensa fluminense as palavras de animação com que saudaram o seu primeiro numero, e bem assim ás empresas dos theatros que tiveram a obsequiosidade de franquear-lhe o ingresso aos seus espectaculos.

Afim de que a *Revista* apparecesse no proprio dia da festa artistica de Ernesto Rossi, antecipamos alguns dias á publicação do presente numero.

O retrato, que hoje damos, do grande actor italiano, representa-o no *Hamlet*, a sublime tragedia que hoje sobe á scena e aquella em que, na opinião geral, mais sobresae o seu genio.

No numero de setembro publicaremos o retrato e o esboço biographico de Jesuina Montani.

O presente numero da *Revista dos theatros* tem apenas sessenta e quatro paginas; em compensação a de setembro terá noventa e seis.